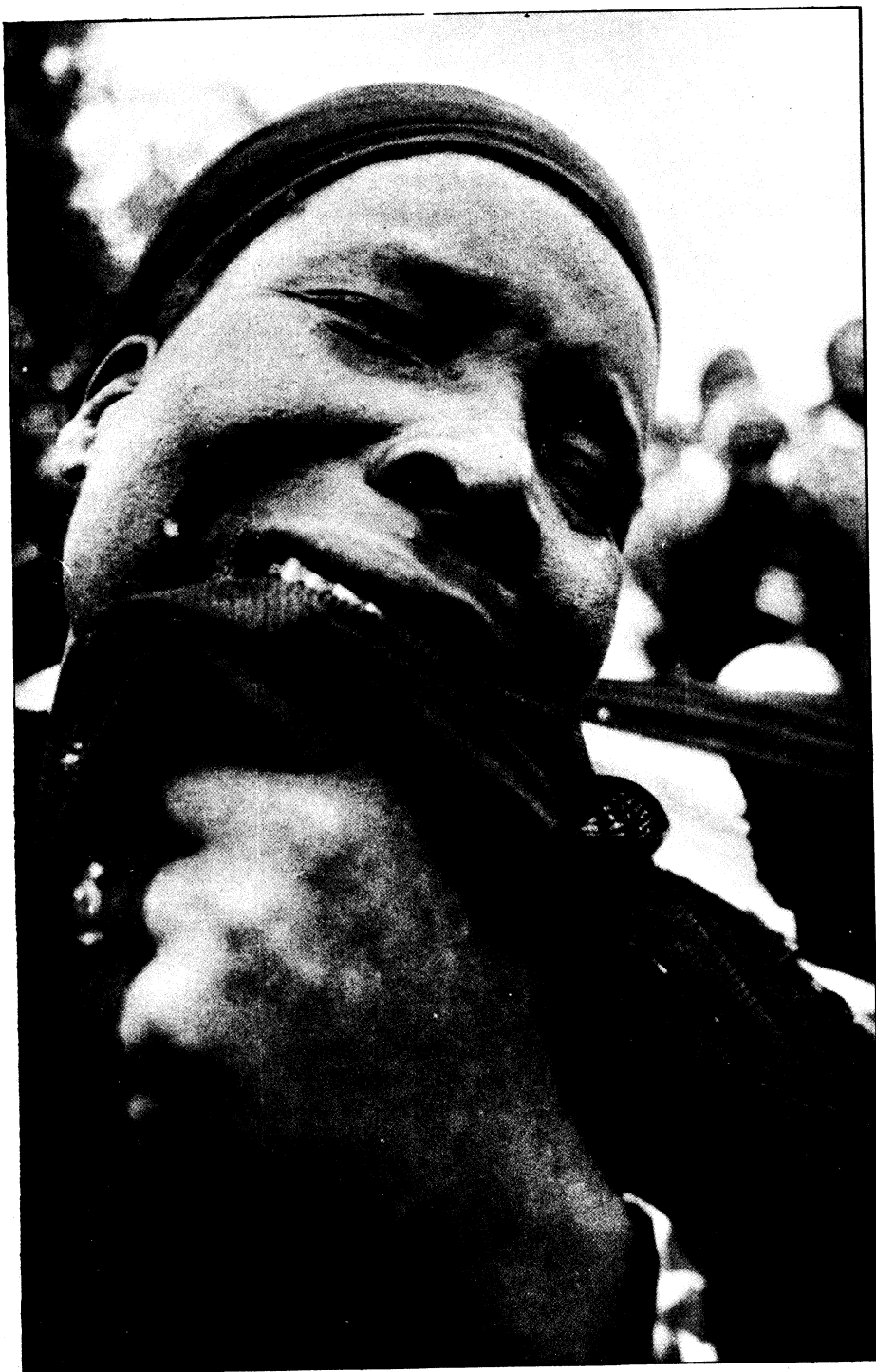




Quando o povo ulula



Os comunicados tinham sido já lidos, o facto estava consumado. Os moçambicanos tinham deixado desde o domingo anterior de poder contar com a clareza do pensamento de Samora, do intenso timbre da sua voz, do gesto largo e envolvente dos seus braços, suas mãos. Sexta-feira, dia 24. Na zona onde a Avenida Salvador Allende é marginada pelos largos portões da capela da Casa Mortuária do Hospital Central de Maputo, vultos perfilados, envergando a farda

de gala das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) com o sinal de luto na manga esquerda aguardavam, serenos, solenes, os rostos assinalando insuspeitas rugas na testa.

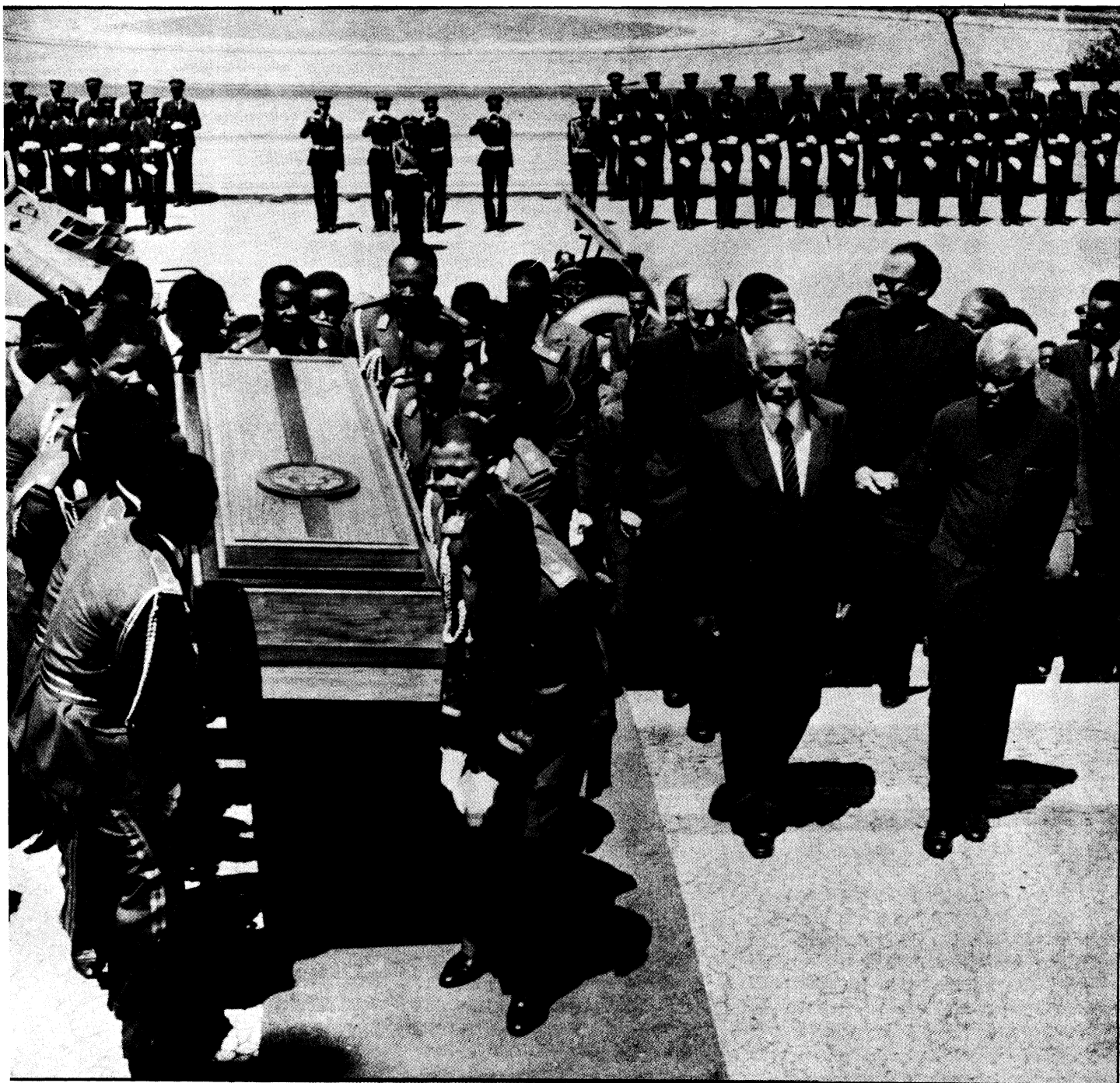
Ao longe, o povo aguardava.

A aglomeração popular iniciava-se no ponto da esquina da Salvador Allende com a Av. Eduardo Mondlane. Prosseguia por esta e fazia uma esquina aberta em círculo com a Karl Marx, prolongava-se um pouco até à Ho Chi Min

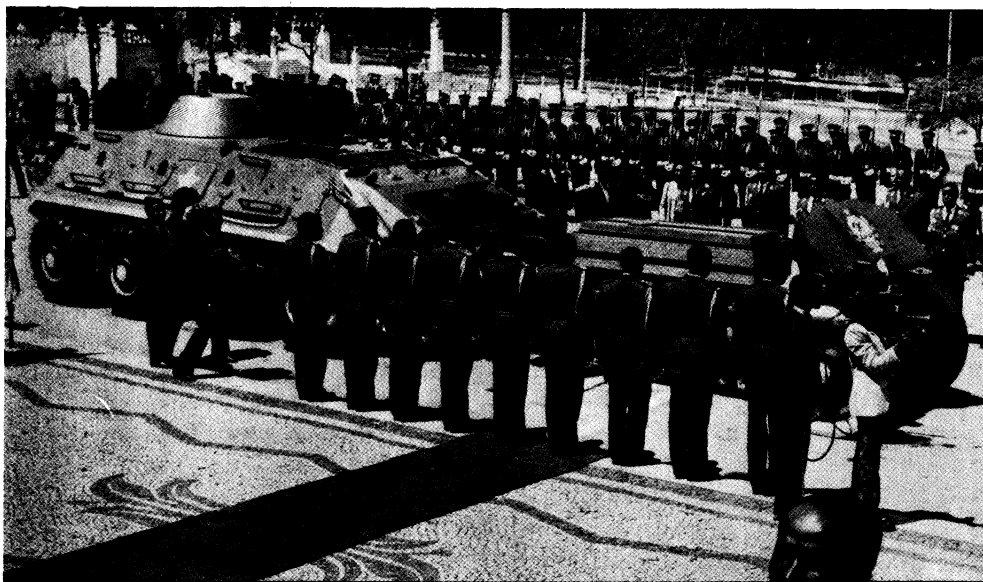
e desaguava num delta junto à entrada principal do edifício do Conselho Executivo, na Praça da Independência.

Era por esta via que os restos mortais de Samora iriam circular, até ao Salão Nobre do Conselho Executivo, na frontaria do qual perdura o quadro que retrata o obreiro da Independência, os olhos fazendo odes à vida que tão, prematuramente abandonara.

Manifestação de esperança ainda? O povo queria ver a urna.



A urna contendo os restos mortais do Presidente Samora Machel sobe as escadarias do Conselho Executivo, após o choque, a confirmação de uma verdade a que ninguém se queria ater



O armão militar que transportou a urna: uma dura e prematura verdade

O silêncio assim imposto é violento. O choro não alivia esta violência mas dá vazão à voz que não seria capaz de articular outra cosia.

O povo era ordeiro apenas nas filas da frente. Por detrás, uma multidão heterogênea, em passo de corrida, apostava em acompanhar o cortejo a pé até à praça. O tempo eternizava-se na marcha lenta do cortejo de motos, de carros, do carro militar que transportava a urna. Nem todos chegaram ao final: muitos houve que caíram exaustos no meio da caminhada. E sempre uma mão amiga, ocasional, aconchegando a dor que sabia não alheia, apoiando o corpo que sabia ser de irmão na dor.

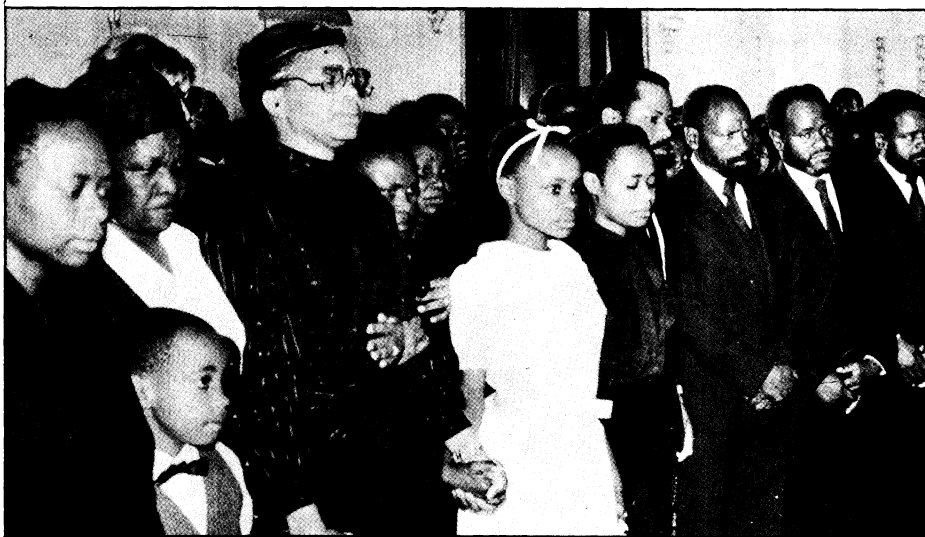
Eram mulheres e eram homens;

Queria dar livre curso às lágrimas que chorara isolado num obscuro canto de uma esquina, no conforto isolado de algum quarto, em casa.

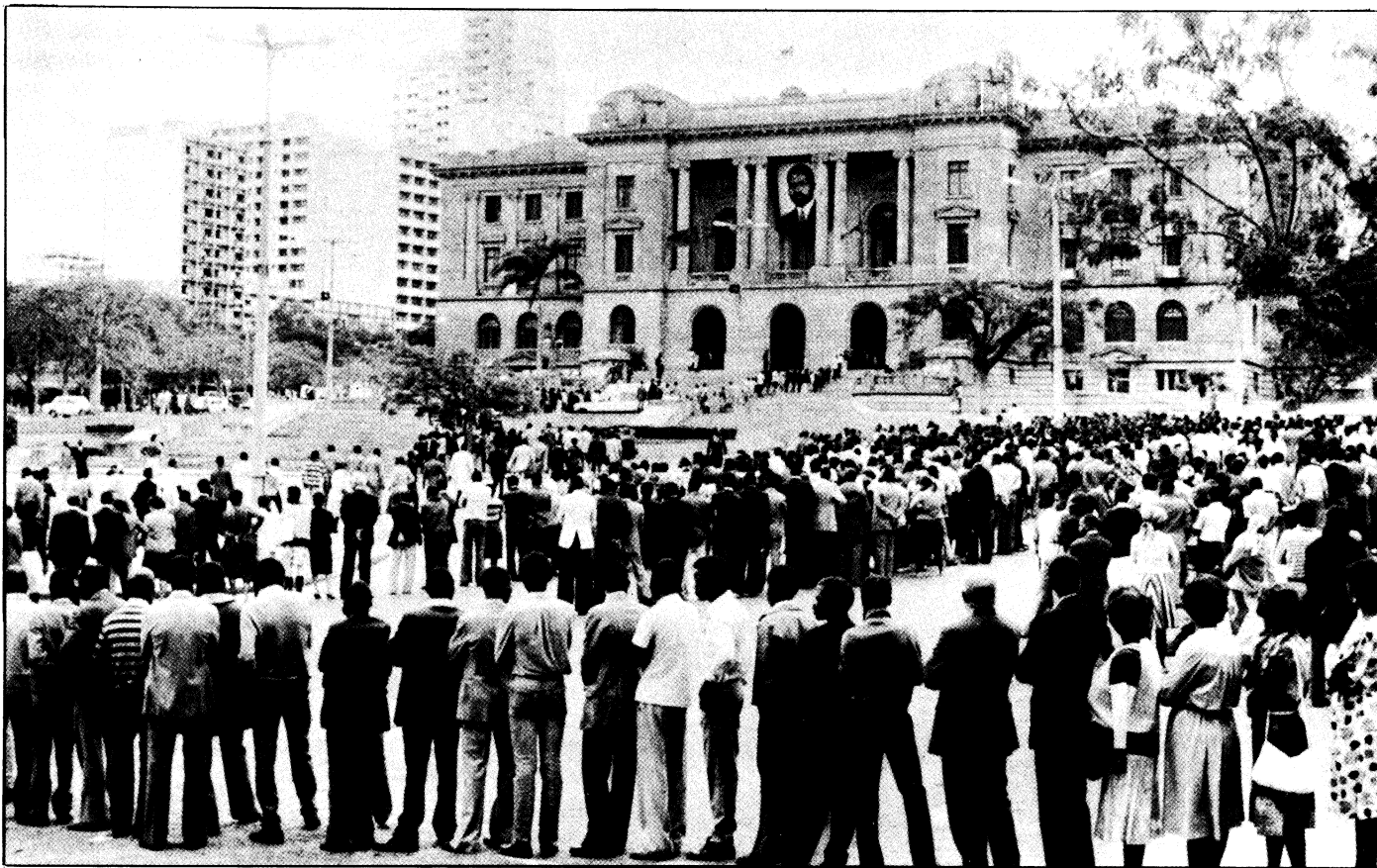
A esperança não morre nunca. A urna saiu precedida por dois porta-bandeiras — a do Partido, a do Estado — e por uma foto ampliada de Samora, carregada por dois oficiais que se foram postar num dos lados do armão militar que a transportaria. Os militares em farda de gala perfilados, homenagem ao seu Marechal. E o povo, de longe, espreitando, as lágrimas assomando silenciosas pelo rosto, pelos olhos, finalmente quase libertas.

Palavras sussurradas aqui, um gesto emendado ali, a urna era depositada no armão, as honras militares prestadas e tudo em condições de iniciar o chorado percurso rumo à Praça da Independência. Numa onda foi o choro se propagando desde o início do cortejo, avolumando-se em milhares de bocas, em cada olhar incrédulo, em cada corpo caído, desmaio inevitável.

E foi assim por todo o trajecto: era a primeira vez que Samora passava pelo povo sem corresponder à sua presença; era a primeira vez — era a última — que Samora passava silencioso perante a muralha que se concentrava de cada um dos lados da faixa da rua sem levantar a mão direita e perguntar, voz viva: «aló, meus amigos, como estão?»



Famíliares, membros do BP e do Governo, estadistas, renderam a sua última homenagem àquele que soube ser Pai, camarada e irmão



«Um imenso vácuo se abriu à nossa volta»

eram crianças e velhos, eram jovens, eram negros e brancos, eram moçambicanos. Não fora ele o combatente intransigente do racismo, do tribalismo? Para que a Nação viva, como dizia...

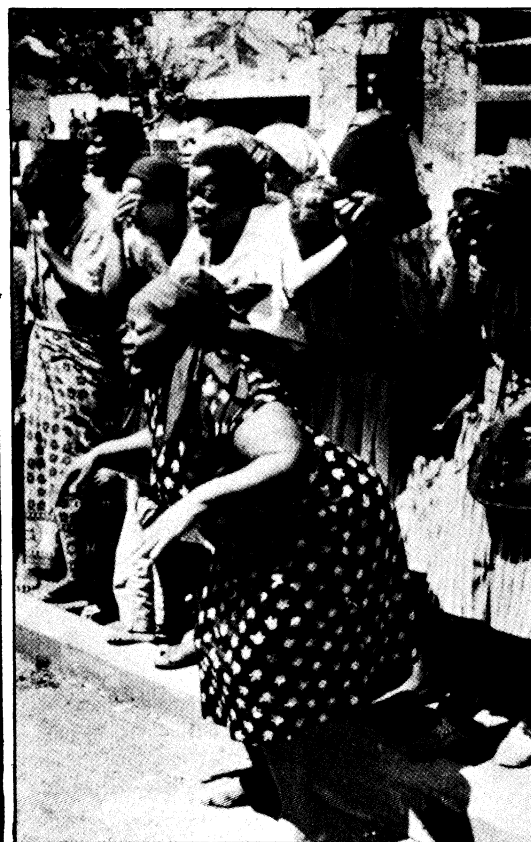
Não dizia: a urna transportava a voz silenciada. A população da-

va voz ao silêncio chorando a sua dor.

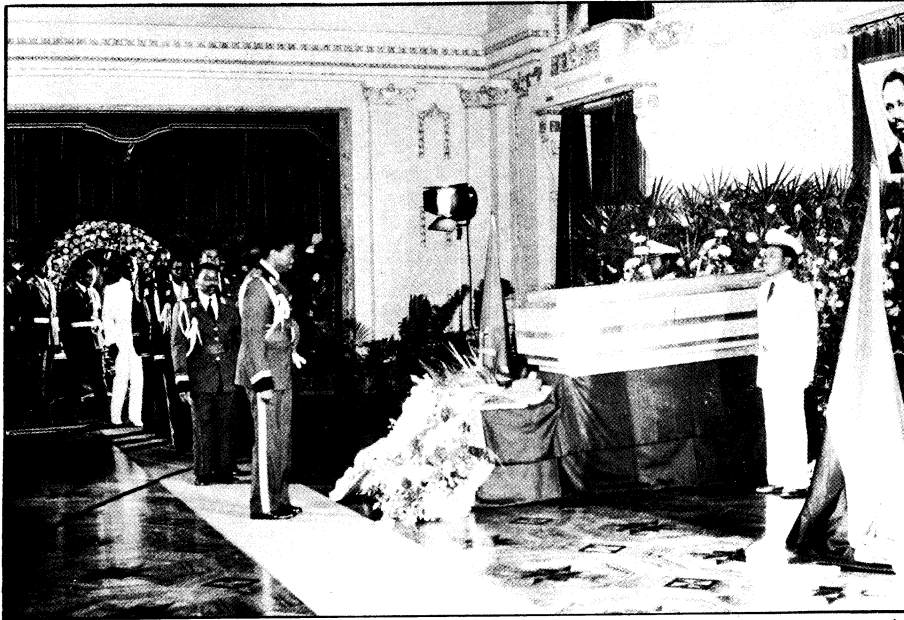
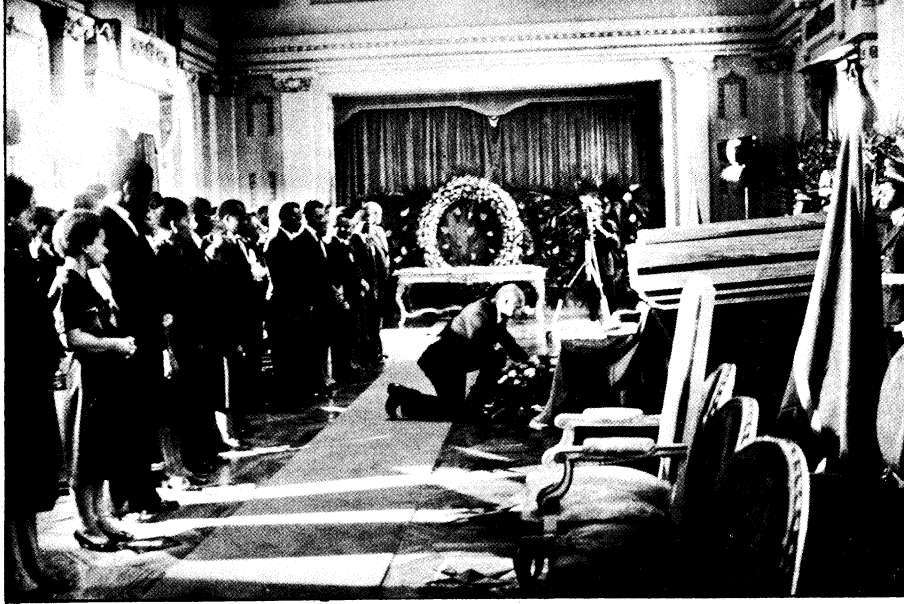
Choraria, ainda por três dias, num interminável cortejo que, dando ao Salão Nobre do Conselho Executivo, descia as escadarias, contornava a praça, descia a Avenida Samora Machel e perdia-se



«Incansável combatente, tombaste em luta contra o apartheid». Marcelino dos Santos assina o livro de condolências



E foram muitos os que não contiveram a dor



A urna, o boné, as medalhas, as flores e o luto: «A terra entregamos apenas o teu corpo»

nos confins do horizonte que no fim se confundia com o mar, janela aberta à dor que não é só de Moçambique.

Os restos mortais de Samora subiram a escadaria do edifício transportados por altos oficiais das FPLM, deram entrada no Salão Nobre onde foram depositados. À frente da urna, o boné; a seu lado, os galardões; a toda a volta, ramos de flores diversos, de diversas cores, o seu perfume. E o silêncio.

À tarde dessa mesma sexta-feira teria início o velório: membros da família Machel lavados em pranto; membros do Bureau Político do CC do Partido Frelimo inconformados com a perda; membros do Comité Central, das ODM's, sócio-profissionais, do Go-

verno, banhados em lágrimas inclinavam-se respeitosamente perante a urna, num assomo de coragem que era de seguida desmentido pelo choro convulsivo, pelo gesto a tentar estancar com as mãos as lágrimas que resvalavam pelo rosto.

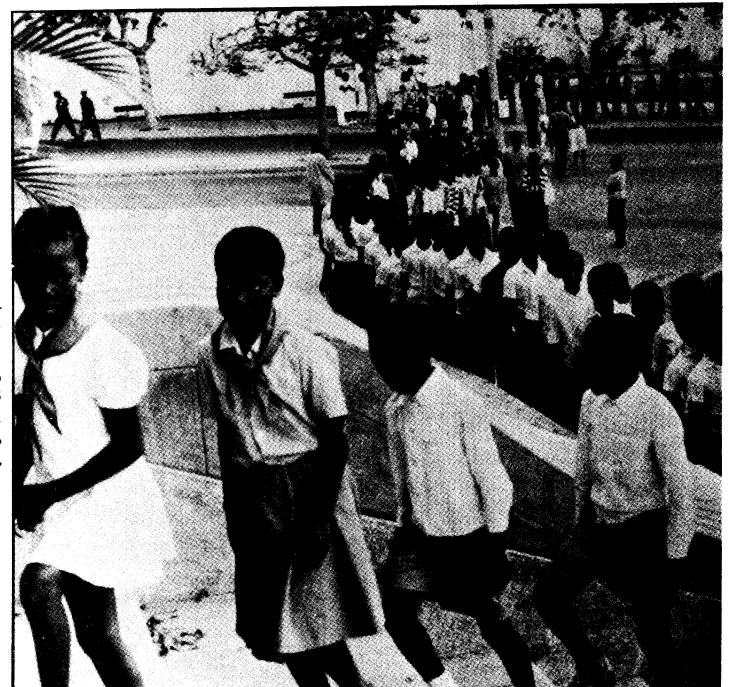
O resto poderia ter parecido igual: durante os dias que se haveriam de seguir, milhares de testemunhos deste sentimento desfilarão pelo Salão Nobre, um testemunho que acabaria por obrigar a que o velório se declarasse prolongado até às zero hora, contrariamente ao horário inicial, que indicava o seu término diário para as 20 horas.

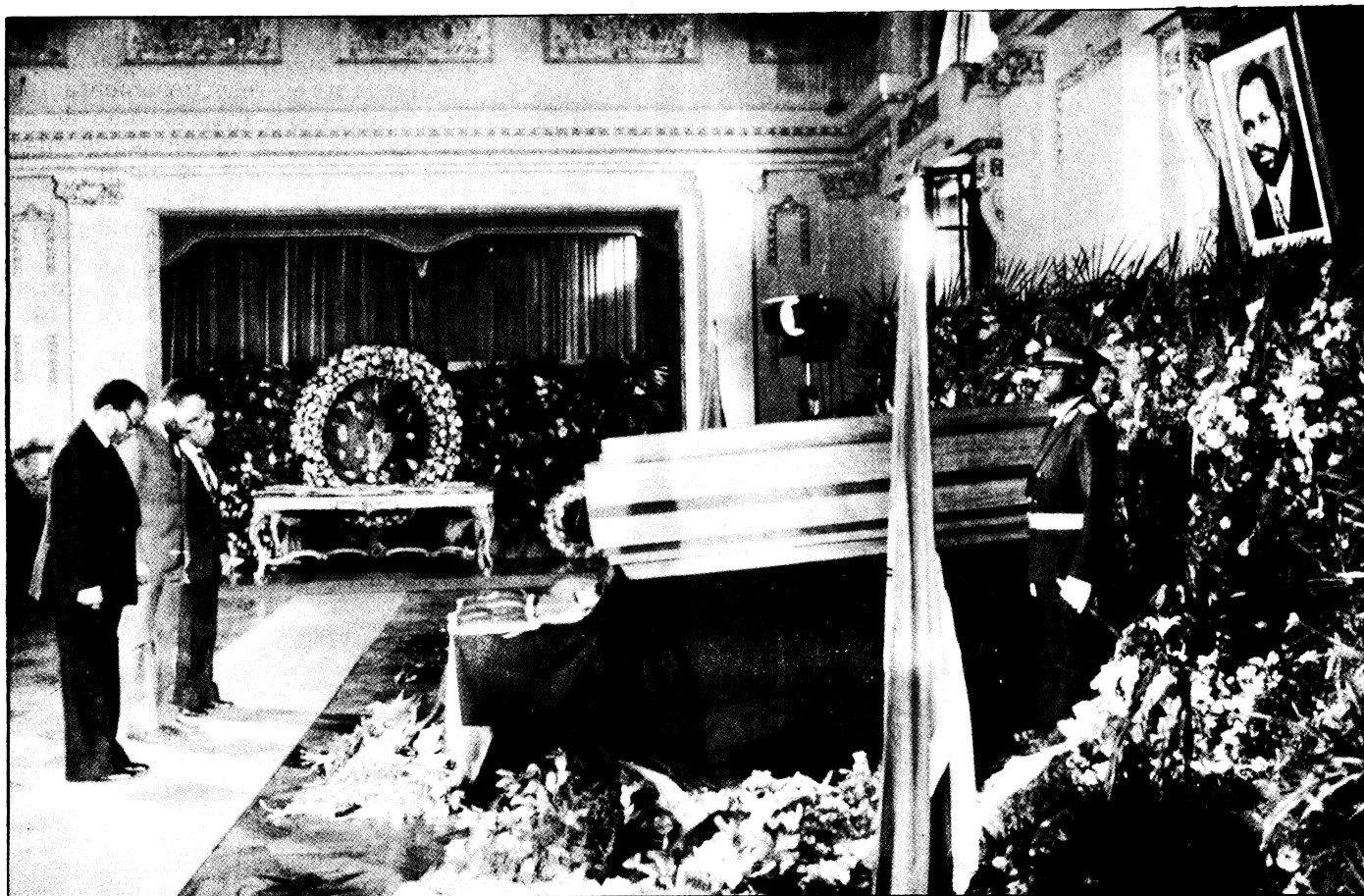
Muitos foram os que, após aguentar estoicamente as horas que passavam à espera da vez, chegada esta caíam prostrados após a visão da urna. Muitos foram os que não puderam deixar o seu sentimento expresso no livro de condolências, por manifesta incapacidade de pôr travão ao tremor das mãos.

A posteridade o testemunhará, pelas inúmeras imagens vivas aqui captadas, a acto cuja realização muito de estoicismo exigiu igualmente aos jornalistas que ali estiveram, dia-após-dia, noite-após-noite, todos os dias.

São rostos convulsionados comuns ao vulgar cidadão, a familiares, a amigos, a membros do corpo diplomático, a estadistas, a toda uma dimensão humana que a

Quando deviam comemorar um ano da fundação da sua organização, os continuadores foram chorar a morte do «Papá Samora»





«Representaste
os povos de todo o
mundo»

figura de Samora soube conjugar
em si.

Domingo à tarde, a Catedral de
Maputo registaria igual enchente
na missa de sufrágio realizada por

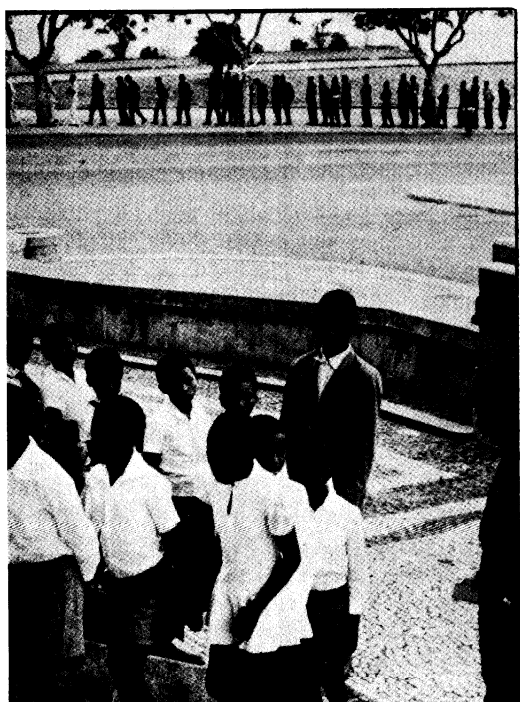


iniciativa do Arcebispado da Igreja
Católica.

Segunda-feira, o Salão Nobre
ressumava a perfume das inúmeras
coroas de flores que foram
sendo deixadas em redor da urna.
O ambiente continuava no entanto
a ser de consternação, de dor e
luto.

Sem ser solicitado, um rasgo de
nova luz se nos fez na memória,
com a recordação do inocente e
jovial grito de um grupo de crian-
ças à passagem da urna por uma
destas ruas: «Presidente, Pre-
sidente.»

Samora vive.



□